



Usina Hidrelétrica de Tucuruí



Elaborado pelos alunos-trabalhadores
Intercategorias - Escola Sindical Amazônia/PA



Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

E fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranqüilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre.

Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde.



Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tegúrio e o palácio, a rude aldeia e a Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo.

Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei a atenção; fitei a vista; ia enfim ver o último - o último! Mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a compreensão; ao pé dela o relâmpago seria um século.

Talvez por isso entraram os objetos a trocarem-se; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo - menos o hipopótamo que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era efetivamente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato Sultão, que brincava à porta da alcova, com uma bola de papel (...)



Acerca do real

Marilena Chaui

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade nos leva a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências.

Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato

de que essa "coisa" possua um nome, que a chamemos "montanha", indica que ela é, pelo menos, uma "coisa-para-nós", isto é, algo que possui um sentido em nossa experiência.

Suponhamos que pertencemos a uma sociedade cuja religião é politeísta e cujos deuses são imaginados com formas e sentimentos humanos, embora superiores aos dos homens, e que nos-





sa sociedade exprima essa superioridade divina fazendo com que os deuses sejam habitantes dos altos lugares. A montanha já não é uma coisa: é a morada dos deuses.

Suponhamos, agora, que somos uma empresa capitalista que pretende explorar minério de ferro e que descobrimos uma grande jazida numa montanha. Como empresários, compramos a montanha, que, portanto, não é uma coisa, mas propriedade privada. Visto que iremos explorá-la para obtenção de lucros, não é uma coisa, mas capital.

Ora, sendo propriedade privada capitalista, só existe como tal se for lugar de trabalho. Assim, a montanha não é uma coisa, mas relação econômica e, portanto, relação social. A montanha, agora, é matéria prima num conjunto de forças produtivas, dentre as quais se destaca o trabalhador, para quem a montanha é lugar de trabalho.

Suponhamos, agora, que somos pintores. Para nós, a montanha é forma, cor, volume, linhas, profundidade - não é uma coisa, mas um campo de visibilidade.

Não se trata de supor que há, de um lado, a "coisa" física ou material e, de ou-

tro, a "coisa" como idéia ou significação. Não há de um lado, a coisa-em-si, e, de outro lado, a coisa para-nós, mas entrelaçamento do físico-material e da significação, a unidade de um ser e de seu sentido, fazendo com que aquilo que chamamos "coisa" seja sempre um campo significativo.

O que dissemos sobre a montanha, podemos também dizer a respeito de todos os entes reais. São formas de nossas relações com a natureza mediadas pelas nossas relações sociais, são seres culturais, campos de significação variados no tempo e no espaço, dependentes de nossa sociedade, de nossa classe social, de nossa posição na divisão social do trabalho, dos investimentos simbólicos que cada cultura imprime a si mesma através das coisas e dos homens.

Isto, porém, não implica em afirmar o oposto, isto é, se o real não é constituído de coisas, então será constituído por idéias ou por nossa representação das coisas. Se fizermos tal afirmação, estaríamos na ideologia em estado puro, pois para esta última a realidade é constituída por idéias, das quais as coisas seriam uma espécie de receptáculo ou encarnação provisória. ■

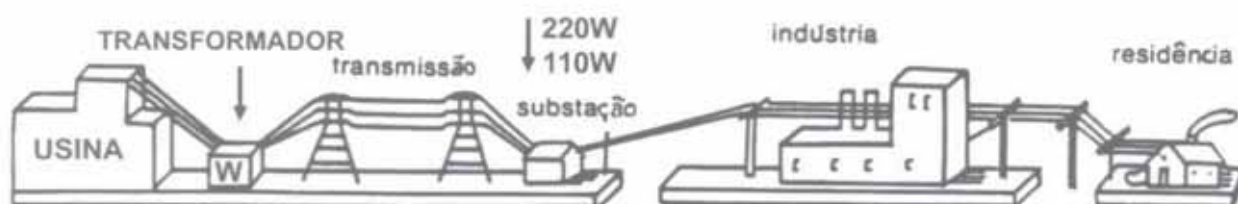
Como a energia elétrica chega até nós

Quando ligamos um comutador de luz, não imaginamos o caminho que a eletricidade faz até chegar ali! É uma longa viagem.

A eletricidade é gerada nas usinas e vai até os transformadores, onde sua voltagem é elevada (a voltagem é o “empurrão” que move a corrente elétrica). A alta voltagem permite que a corrente elétrica seja transmitida a longas distâncias, até as subestações, que estão localizadas perto dos consumidores, sem que haja muita perda de energia. Nas subestações, a voltagem é diminuída para que possa ser utilizada nas indústrias (220 volts) e nas residências e comércio (110 volts).

Nas casas, a eletricidade passa por uma caixa de distribuição, onde estão instaladas os fusíveis. Fios correm dos fusíveis para todas as tomadas e soquetes de lâmpadas da casa e retornam para a caixa de entrada.

Veja abaixo um sistema de distribuição de eletricidade esquematizado.





Conta de energia elétrica



Eletropaulo Metropolitana Eletricidade de São Paulo S.A.
 Av. Alfredo Egídio de S. Arenda, 100 Bl. B São Paulo SP CEP 04726-906
 Internet: <http://www.eletropaulo.com.br>
 C.N.P.J. 01.696.227/0001-93 Inscr. Est. 108.317.078.118

NOTA FISCAL
 CONTA DE ENERGIA ELÉTRICA
 EMISSÃO 04/06/2001

Nome		Número de Referência		Conta de	
JOSÉ DA SILVA		87745771		JUN / 2001	
Endereço		Município		Classe	
BECO DA PREGUIÇA, 169		SÃO PAULO		RES	
C.N.P.J.		Data da Leitura Anterior		Data Prevista da Próxima Leitura	
		02/05/01		03/07/01	
Inscrição Estadual		Roteiro de Leitura		Instalação	
		Lote Local Livro		18424	
		02 010.40818			
Consumo Mês Atual		Irr		Leitura do Medidor	
220 KWH		000		Marcação Dia Mês	
				9617 01 06	
				Medidor	
				Número	
				7785939	
				Constante	
				00001	
				Identificação Bancária	
				Banco Agência	
				001 3304	

Consumo Registrado nos Últimos Meses - kWh			Descrição	Valor
245-MAI/01	232-JAN/01	238-SET/00	CONSUMO	
249-ABR/01	241-DEZ/00	236-AGO/00	30 KWH X 0,06313000	1,89
213-MAR/01	219-NOV/00	250-JUL/00	70 KWH X 0,10821000	7,57
212-FEV/01	240-OUT/00	256-JUN/00	100 KWH X 0,16232000	16,23
			20 KWH X 0,18035000	3,60
			ICMS	9,76
I.C.M.S - Lei Estadual 6374 de 01.03.89				
Base de Cálculo	Aliquota	Valor		
39,05	25 %	9,76		

Agência de Atendimento/Horário das 8h:30 às 16h:30		Apresentação		Vencimento		Total a Pagar R\$
R SANTA CRUZ 2209		Dia Mês		Dia Mês Ano		39,05
SÃO PAULO		06 06		19 06 2001		
Autenticação Mecânica						CONSIDERAR ESTA CONTA QUITADA SOMENTE APÓS O DÉBITO EM SUA CONTA CORRENTE



A incompetência da natureza ou a natureza da incompetência ?

Textos para reflexão

Texto 1

Parodiando a letra de uma canção do Caetano que diz que o Haiti é aqui, o Brasil vive hoje uma situação no setor de energia elétrica semelhante, em alguns aspectos, à da Califórnia. Está nos jornais que a famosa ponte de San Francisco foi apagada por uma falta de energia causada pela crise de abastecimento. Imaginem o Rio de Janeiro com o Cristo Redentor apagado por idênticas razões. É isso um exagero?

Talvez sim, talvez não. Na

Califórnia, a crise se deve a uma desregulamentação malfeita, baseada na crença de ser o puro mercado suficiente para estimular os geradores independentes de energia elétrica a competir, reduzindo o preço. Isso não ocorreu. As duas concessionárias, a Edison e a Pacific, estão



atravessando dificuldades por causa do elevado preço da energia elétrica gerada. E isso a ponto de tornar economicamente inviável a própria operação. Essas empresas alegam prejuízos. O Estado e a população ficaram à mercê da crise. Entre outros fatores, contribuíram para isso a alta do preço do gás, arrastado pelo petróleo, e a preferência pelo mercado "spot", em lugar de contratos de longo prazo. Isso aconteceu nos EUA, que tem um modelo

semelhante ao do Brasil. Quanto a nós, já vivemos uma crise disfarçada, evidente desde o famoso apagão de 1999, o qual não foi fruto de um fenômeno natural, um raio, que por azar teria caído numa subestação. Nem por culpa do então recém-criado ONS (Operador Nacional do



Sistema). As causas do apagão foram a instabilidade do sistema elétrico, por falta de potência instalada, e a falta de capacidade de transmissão de energia elétrica. Essa falta vem da ausência do investimento não retomado pelo governo, já que as empresas de energia elétrica estatais foram incluídas no plano de desestatização. O plano do governo de fazer 49 termelétricas a gás natural é um reconhecimento da crise, pois, se o mercado bastasse, os investidores es-



trangeiros estariam investindo no Brasil. E não só para comprar a bom p r e ç o

empresas tão importantes quanto a Light, no Rio, a antiga Eletrosul, hoje Gerasul, a Eletropaulo e as companhias elétricas desmembradas da Cesp, em São Paulo. Já foi privatizada uma apreciável capacidade de geração, além de quase toda a distribuição importante de energia elétrica do país. Mas não investiram na expansão. É preciso observar que a energia elétrica tem uma demanda crescente no país. Esse

crescimento não é pequeno, como ocorre em muitos outros países nos quais o setor foi privatizado. Daí a crise. Os reservatórios de hidrelétricas no sistema interligado se esvaziaram a ponto de chegar ao ano 2000 em um nível de apenas 20% de sua capacidade, recuperado, com as chuvas do final do ano, para 30% - Deus é brasileiro, não californiano. Esses reservatórios foram feitos para acumular água por até cinco anos, para fazer frente às variações climáticas. Entretanto gastou-se a água acumulada. Não há equipamentos de reserva suficientes para atender à demanda. Daí os apagões, não só o de 99. Há pouquíssimo tempo, ocorreu uma saída de rede de Angra 2, o que é normal, pois, pelas normas de segurança, um reator nuclear é obrigado a desligar se apontadas mínimas anomalias. Ficaram sem energia, como resultado, várias cidades do Estado do Rio, pois a saída não foi coberta pela entrada de usinas da chamada reserva girante das hidrelétricas. O fato concreto é que, mesmo o governo vindo a público para dar estímulos aos investidores estrangeiros para a construção das usinas termelétricas, apenas a Petrobrás está tomando as providências efetivas para fazê-las. Apenas 14 das 49 programadas estão sendo concretamente providenciadas ou em início de obra,



quase todas da Petrobrás, em parceria com outras empresas. Ela tomou a iniciativa de colocar o dinheiro sem esperar o “project financing” e a garantia da compra da energia que os investidores estrangeiros exigem do governo - inclusive o repasse para o consumidor da variação cambial. Creio que o quadro futuro tende a ser pior que o da Califórnia. Pelo menos lá não há o risco cambial, pois são os EUA que imprimem os dólares. O tema foi amplamente discutido numa reunião que participei no Fórum Social Mundial. Devemos reconhecer que o ministro de Minas e Energia, ao vir a público, assume um papel do governo no setor elétrico negado pela ortodoxia do FMI. A termelétricidade é uma solução emergencial, por causa do menor prazo de construção das usinas. Mas, mesmo assim, esse prazo chega a três anos. A crise está à porta. O Instituto Virtual de Mudanças Globais, fruto de um projeto da Coppe (Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia da UFRJ) com a Faperj (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio), enviou ao governo federal um relatório propondo quatro medidas. Uma medida é o Progredis (Programa de Geração Distribuída) em empresas, supermercados, shoppings, hospitais e hotéis, usando o gás natural que hoje está sobrando,

queimado nos poços da bacia de Campos - ainda há quase 50% de capacidade ociosa no gasoduto da Bolívia. A segunda é reavivar o Procel (Programa de Conservação de Energia Elétrica), para aumentar a eficiência e reduzir as perdas de energia. Uma terceira medida é o estímulo ao uso de energias alternativas, como a biomassa do bagaço de cana e do lixo urbano, usando inclusive tecnologias propostas em uma tese, defendida pelo pesquisador Luciano Basto, para que o Estado do Rio resolva o problema dos aterros sanitários. A quarta é sustar a privatização de Furnas, pois ela vende energia hidrelétrica a R\$ 40/ MWh e, se privatizada, passará a R\$ 80/ MWh, que é o da geração com gás natural. Tudo isso exige discussão para evitarmos a repetição aqui do pesadelo que se transformou o “California Dreamin” sonhado pelo The Mamas and The Papas. ■

Luiz Pinguelli Rosa, 59, físico, é coordenador do Instituto Virtual de Mudanças Globais da Coppe e professor titular da UFRJ.

Artigo para a Folha de S. Paulo.



Texto 2

A oferta de energia no país

O BRASIL cruzou a década de 80 e a primeira metade dos anos 90 convivendo com um quadro crônico de falta de investimentos no setor elétrico. Ao tomar posse em 1995, uma das primeiras iniciativas do presidente Fernando Henrique foi determinar a retomada, em parceria com a iniciativa privada, das obras paralisadas de 23 usinas.

Apesar desse esforço, o crescimento da economia - em consequência do Plano Real - não permitiu que se aliviasse de imediato o desequilíbrio entre oferta e demanda de energia. Os reservatórios do Sudeste chegaram, em

1999, à marca crítica de 18,1% de sua capacidade de armazenagem.

No início do segundo mandato, estimou-se a necessidade de um aumento de 40% da capacidade instalada para o período de 1999 a 2004 - ou 26 mil mW, o equivalente a pouco mais de duas usinas de Itaipu - , de forma a atender a um crescimento de demanda de 5% ao ano.

A questão que se colocava era de como garantir, no curto e no médio prazos, a necessária expansão da oferta, uma vez que as obras hidrelétricas em





andamento e a conclusão de Angra 2 asseguravam apenas cerca de 15 mil mW de aumento da capacidade instalada.

Faltavam, portanto, de 11 mil mW a 12 mil mW para cobrir o crescimento projetado da demanda. Para responder a esse desafio só havia uma resposta possível: usinas termelétricas movidas a gás natural. Além de poderem entrar em operação num prazo muito mais reduzido do que outros tipos de usina, havia a disponibilidade do gasoduto Brasil-Bolívia, inaugurado em 1999.

Foi criado, assim, o PPT (Programa Prioritário de Termelétricidade, que assegura de 11 mil mW a 12 mil mW de expansão adicional da capacidade instalada de geração, para o que está garantida a oferta de até 50 milhões de

m³/dia de gás natural, com preço vinculado ao custo da energia, não do petróleo.

O governo utilizou, complementarmente, como empresa de energia interessada no negócio do gás - uma tendência observada em todo o mercado internacional - , a Petrobrás para induzir investimentos em boa parte das térmicas. A Eletrobrás também se engajou, com a repotenciação de suas usinas térmicas (Bongi, Camaçari e Santa Cruz, além de uma nova unidade, que servirá de backup das usinas de Angra).

As providências mostraram-se corretas: somente este ano, o PPT colocará no mercado 2.700 mW, acrescentando outros 3.200 mW, em 2002, e 5.800 mW, em 2003. Como reforço, o governo



lançou um programa de estímulo à cogeração de pequenas plantas de geração de energia termelétrica, também a gás natural, instaladas dentro das próprias empresas.

Um país com o potencial hídrico do Brasil tem, evidentemente, vocação natural para a hidreletricidade. A confirmação desse caminho se dará a partir de 2005, quando entrarão em operação várias das usinas planejadas ou em construção. No ano passado, a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) licitou novas concessões, equivalentes a 2.300 mW, despertando grande interesse da iniciativa privada. Este ano, serão leiloados novos aproveitamentos hidrelétricos, totalizando 6.700 mW.

Na linha de estimular soluções locais para pequenas demandas de energia, o governo está financiando a construção de pequenas centrais hidrelétricas (PCHs) e garantindo a compra dos excedentes produzidos, via Eletrobrás.

Merece, ainda, destaque a política de desenvolvimento de outras fontes alternativas, como a eólica, contemplada pelo projeto de lei nº 2.905, em tramitação no Congresso Nacional.

A conservação de energia é tão im-

portante quanto a geração. Por isso estamos aprofundando os programas já existentes na área de energia elétrica e de petróleo. Essas iniciativas ganharam novo dinamismo com a implantação do CNPE (Conselho Nacional de Política Energética), órgão que assessorará diretamente o presidente da República.

É preciso dizer, por fim, que, sendo essencialmente baseado na hidreletricidade (92%), o sistema elétrico brasileiro precisa - e sempre precisará - de chuvas regulares. O que fizemos foi, no curto prazo, tomar todas as providências possíveis para gerar a energia necessária e poupar os reservatórios do uso excessivo a que estavam submetidos.

E, no longo prazo, aumentaremos significativamente a capacidade instalada, de forma a recuperar os níveis históricos de armazenamento e reduzir (mas não eliminar, pois seria impossível) a dependência de chuva. ■

Rodolpho Tourinho, 58, economista, ex-ministro de Minas e Energia.

Artigo para a Folha de S. Paulo publicado em 14.02.2001



Momentos da história



Entre 1956 e 1960 o Brasil alcança taxas espetaculares: a indústria cresce em 80% e o produto interno expande-se a uma média de 7% ao ano. Mas nem tudo são flores: as Ligas Camponesas se espalham pelo Nordeste (elas surgem em 1955 em Pernambuco, sempre Pernambuco), a dívida externa assume proporções estratosféricas, a moeda desvaloriza-se e a inflação galopa entre preços e salários.





O mercado vai se definindo e fica claro que uma das razões do golpe militar é o fortalecimento do nosso sistema capitalista (para desestimular, inclusive, aventuras esquerdistas). A sociedade de consumo se faz com 20% da população nacional.





O Semeador



Catadoras de espigas, de Millet. 1857

Uma parte do trigo caiu entre espinhos, e afogaram-no os espinhos. Outra parte caiu sobre as pedras, e secou-se nas pedras por falta de umidade. Outra parte caiu no caminho, e pisaram-no os homens e comeram-no as aves. Não o desanimou nem a primeira nem a segunda nem a terceira perda; continuou por diante no semear, e foi com tanta felicidade, que nesta quarta e última parte do trigo se restauraram com vantagem as perdas dos demais: nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se, achou-se que por um grão multiplicaria cento.

Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este semeador! Dá-me grandes esperanças a sementeira, porque ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos.

Dá-me grande exemplo o semeador, porque, depois de perder a primeira, a segunda e terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela muito fruto.

Já que se perderam as três partes da vida, já que uma parte da idade a levaram os espinhos, já que outra parte a levaram as pedras, já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e última parte, este último quartel da vida, por que se perderá também? Por que não dará fruto? Por que não terão também os anos o que tem o ano? O ano tem tempo para as flores e tempo para os frutos. Por que não terá também o seu Outono a vida?

As flores, umas caem, outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são venturosas, só essas são as discretas, só essas são as que duram, só essas as que aproveitam, só essas são as que sustentam o Mundo.

*Trecho do Sermão da Sexagésima do Padre
Antônio Vieira, proferido em 1655.*



Gracias a la vida

Violeta Parra

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio dos luceros que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el oído que en todo su ancho
Graba noche y días grillos e canarios
Martillos, turbinas, ladridos, chubascos
Y la voz tan tierna de mi bien amado

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con el las palabras que pienso e declaro
Madre amigo hermano y luz alumbrando
La ruta del alma del que estoy amando

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la marcha de mis pies cansados
Con ellos anduve ciudades y charcos
Playas y desiertos, montañas y llanos
Y la casa tuya, la calle y tu patio



Recuerdos de Ypacaraí

Zulema De Mirkin e Demetrio Ortiz

Una noche tibia nos conocimos
Junto al lago azul de Ypacaraí
Tu cantabas triste por el camino
Viejas melodías en guaraní

Y con el embrujo de tus canciones
Iba renaciendo tu amor en mí
Y en la noche hermosa de plenilunio
de tus blancas manos sentí el calor
Que con sus caricias me dio el amor

Dónde estás ahora cuñataí
Que tu suave canto no llega a mí
Dónde estás ahora
Mi ser te adora con frenesí

Todo te recuerda mi dulce amor
Junto al lago azul de Ypacaraí
Todo te recuerda
Mi amor te llama cuñataí.



Padrões de Dominação Externa na América Latina

Florestan Fernandes



À semelhança de outras nações das Américas, as nações latino-americanas são produto da "expansão da civilização ocidental", isto é, de um tipo moderno de colonialismo organizado e sistemático. Esse colonialismo teve início com a "Conquista" - espanhola e portuguesa - e adquiriu uma forma mais complexa após a emancipação nacional daqueles países.

A razão dessa persistência é a evolução do capitalismo e a incapacidade dos países latino-americanos de impedir sua incorporação dependente ao espaço econômico, cultural e político das sucessivas nações capitalistas hegemônicas. Antes de mais nada, o capitalismo transformou-se, através da história, segundo uma velocidade demasiado acelerada para as potencialidades históricas dos países latino-americanos.

Quando uma determinada forma de organização capitalista da economia e da sociedade era absorvida, isso ocorria em consequência de uma mudança da natureza do capitalismo na Europa e nos Estados Unidos, e novos padrões de dominação externa emergiam inexoravelmente. Por outro lado, uma organização aristocrática, oligárquica ou plutocrática da sociedade sempre concentrou extremamente a riqueza, o prestígio social e o poder em alguns extratos privilegiados. Em consequência, a institucionalização política do poder era realizada com a exclusão permanente do povo e sacrifício consciente de um estilo democrático de vida. (...)

Texto extraído do livro: Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro; Zahar editores. 1975

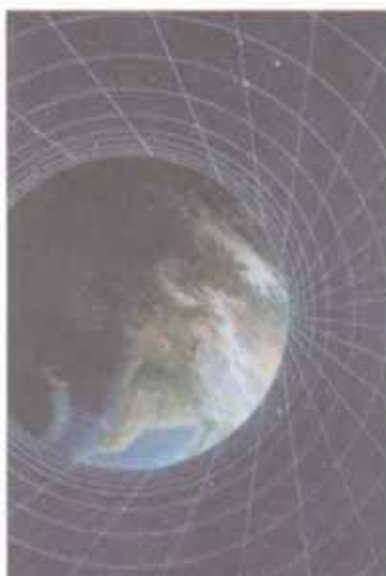


Metáforas da Globalização

Octávio Ianni

A descoberta de que a terra se tornou mundo, de que o globo não é mais apenas uma figura astronômica, e sim o território no qual todos encontram-se relacionados e atrelados, diferenciados e antagônicos - essa descoberta surpreende, encanta e atemoriza. Trata-se de uma ruptura drástica nos modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Um evento heurístico de amplas proporções, abalando não só as convicções, mas também as visões de mundo.

Ocorre que o globo não é mais exclusivamente um conglomerado de nações, sociedades nacionais, estados-nações, em suas relações de interdependência, dependência, colonialismo, imperialismo, bilateralismo, multilateralismo. Ao mesmo tempo, o centro do mundo não é mais voltado só ao indivíduo, tomado singular e coletivamente como povo, classe, grupo, minoria, maioria, opinião pública. Ainda que a nação e o indivíduo continuem a ser muito reais, inquestionáveis e presentes todo



o tempo, em todo lugar, povoando a reflexão e a imaginação, ainda assim já não são "hegemônicos". Foram subsumidos, real ou formalmente, pela sociedade global, pelas configurações e movimentos da globalização. A Terra mundializou-se, de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir mais plenamente sua signi-

ficação histórica.

Daí nascem a surpresa, o encantamento e o susto. Daí a impressão de que se romperam modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Algo parecido com as drásticas rupturas epistemológicas representadas pela descoberta de que a Terra não é mais o centro do universo conforme Copérnico, de que o homem não é mais filho de Deus segundo Darwin, de que o indivíduo é um labirinto povoado de inconsciente de acordo com Freud. (...)

Texto extraído do livro: Teoria da Globalização. Rio de Janeiro; Editora Civilização brasileira. 1995.